

## **Luta e organização dos trabalhadores no Portal do Sertão da Bahia (1979 - 1990)**

IGOR GOMES SANTOS\*

Os trabalhadores de Feira de Santana, nos primeiros anos da década de 1980, não protagonizaram grandes atividades de luta política e econômica. Na verdade, as tentativas que ficavam por conta das “vanguardas” não eram muito bem sucedidas. Rossine Cruz (CRUZ, 1999: 230-231), aponta que no início da década de 1980, até 1986, Feira de Santana ainda gozava, apesar da inflação, de um relativo crescimento econômico e uma alta empregabilidade devido a chegada ou permanência de indústrias do CIS (Centro Industrial Subaé) no fim da década de 1970, que se beneficiava de amplas e longas concessões fiscais. Esse novo ciclo de desenvolvimento das relações do capital na cidade possibilitava a criação de novos postos de trabalho, principalmente no setor terciário da economia. O intenso fluxo comercial aumentou com a industrialização. Novas empresas de venda no atacado e no varejo se instalavam na cidade, grandes redes de supermercado, construíam-se os primeiros *shoppings centers* e galerias comerciais.

A exploração do trabalho também contribuiu para a desmobilização dos trabalhadores. Feira de Santana tinha uma das maiores horas de trabalho sobre por trabalhador, principalmente comerciários, (CRUZ, 1998: 224), sob condições realmente muito duras.

Além disso uma tradição organizativa de Feira de Santana ainda se fazia muito presente na cidade. Desde 1950 a vida política-organizativa dos trabalhadores estava estreitamente vinculada aos passos de um político feirense, que logo se faria conhecido nacionalmente, através do movimento dos "Autênticos do MDB": Francisco Pinto, mais conhecido como Chico Pinto. Chico foi o responsável, além de advogado, da criação da maioria dos sindicatos de Feira de Santana criados nas décadas de 1950 e 1960, quando se tornou prefeito em 1963. Na prefeitura criou políticas tipicamente trabalhistas, voltadas para trabalhadores filiados a associações de moradores. Ele mesmo assumia ser um herdeiro do populismo de Vargas (NADER, 1998: 142-143).

---

\* Mestre em História Social (UFF), professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (UFBA) e pesquisador do Laboratório de História e Memória da Esquerda e das Lutas Sociais (UEFS).

Com efeito, faz parte da formação da classe trabalhadora em Feira de Santana essa experiência de sindicalistas, sindicatos e trabalhadores diretamente ligados a estruturas políticas municipais, sem o exercício daquilo que seria chave para os militantes do "novo sindicalismo": a independência de classe, isto é, a organização sem patrões e sem Estado.<sup>1</sup>

Parte majoritária e decisiva dos sindicalistas de Feira de Santana quando se viram de frente com um movimento de trabalhadores que ressurgia e alcançava proporções nacionais, optou por ignorar, se omitir, às vezes mesmo ridicularizar. Não potencializaram nem deram conteúdo local àqueles impulsos de contestação da ordem social e de demandas reivindicativas econômicas. Aquela novidade, afinal, poderia vir a lhes tirar o *status quo* de principais lideranças sindicais da cidade. Os trabalhadores de Feira de Santana começaram a década que abriu a maior vaga grevista na história do País, silenciosos e silenciados.

Não podemos deixar de ressaltar que Feira de Santana era enquadrada na Lei de Segurança Nacional, isto significa que era uma zona de segurança máxima e por isso tinha restrições em sua liberdade e autonomia administrativa e política.

Entre o ano de 1979 e 1980, Feira de Santana assistiu apenas a greve dos professores municipais comandados pela APROFS (Associação dos Professores de Feira de Santana) e no ano de 1981 algumas manifestações rurais.

Para atenuar o problema da grave seca daquele ano (1981), o Governo do Estado juntamente com o Governo Federal e Municipal montavam frentes de trabalho nas estradas e nos canteiros de obras em que o Estado necessitava de força de trabalho para reparos simples. Porém, estas frentes de trabalho corriqueiramente atrasavam os salários dos trabalhadores rurais, além do que, estavam diretamente ligadas ao clientelismo e ao "caciquismo" político. Os representantes das frentes nas comunidades eram pessoas atreladas a algum importante chefe político da sociedade política local. Formas bárbaras de extração de sobre-trabalho a preços baixíssimos (abaixo do salário mínimo), uma coerção estatal diretamente alicerçada no poder local eram vivenciadas pelos trabalhadores rurais que trabalhavam nas frentes de trabalho.

Ao reagir a esta situação, os trabalhadores rurais foram a primeira categoria, na

---

<sup>1</sup> Há de se destacar as reflexões de Marcelo Badaró (BADARÓ, 1998) que reflete sobre a permanência de diversos aspectos do dito "velho sindicalismo" na prática sindical dos "Novos", a exemplo da manutenção e utilização por estes da estrutura sindical e imposto sindical.

década de 1980, a realizar atividades de massa para alcançar suas reivindicações. Em 1981, um grande ato cobrou das autoridades políticas o pagamento dos postos da frente de trabalho e as sementes para plantio. Juntou mais de 3000 trabalhadores nas portas da prefeitura. Cientes das manifestações, mais e mais trabalhadores chegavam na cidade de Feira de Santana. O fluxo foi tão grande que a ameaça de saques a mercearias e supermercados chegou a atemorizar a cidade, e o aumento do policiamento foi logo solicitado para “acalmar” os ânimos dos manifestantes <sup>2</sup>.

Há algum tempo, lideranças sindicais “autênticas”, juntavam-se para tornar o sindicato mais combativo e voltado para os interesses dos trabalhadores. A gestão do sindicato que, nas palavras dos associados, era corrupta e tinha como presidente um universitário, filho de um fazendeiro, vinculado ao PDS (Partido Democrático Social) foi deposta em 1975, depois de um grande conflito que envolveu diversos lavradores contra latifundiários da região. Os conflitos se acirraram e uma liderança da luta foi assassinada. O homicídio teve muita repercussão na cidade e ganhou as páginas dos jornais e mobilizou os trabalhadores rurais pela justiça e para retomar o sindicato de posse dos fazendeiros.

No ano de 1984, exatamente no dia 2 de outubro, os trabalhadores, se encontravam com o representante da EMATERBA (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Bahia) para discutir sobre a liberação de sementes, logo após o fim das chuvas. Contudo a demora na liberação dessas sementes, meses seguintes, causou mais um conflito entre trabalhadores rurais e sociedade política. Uma manifestação de menor número, aparentemente melhor preparada, com cartas abertas, microfones e carros de som, presenças de militantes de diversos partidos de esquerda, dentre eles o vereador Messias Gonzaga do PC do B (Partido Comunista do Brasil), na época ainda abrigado no PMDB, mobilizou cerca de 300 trabalhadores rurais e exigiu que o prefeito desse explicações. Este ao invés das explicações, gritava que aquele era um movimento dirigido por infiltrados no movimento e um ato político com o fim de arranhar a sua gestão. O problema fora resolvido com a entrada do Governo do estado, mais habilidoso nas negociações. Nesse período o sindicato já contava com uma nova diretora, renovada, que fazia críticas públicas ao peleguismo e iniciava um flerte com a CUT

---

<sup>2</sup> O GRITO DA TERRA. As secas: exploração de um povo. Depoimento de um lavrador. Feira de Santana: 1982. Cartilha distribuída pelo “O Grito da Terra”.

(Central Única dos Trabalhadores), que vai se concretizar em 1986 com a filiação desse sindicato à nova central sindical.

Na cidade o aumento do custo de vida, sobretudo dos serviços urbanos, como transportes urbanos e intermunicipais e a progressiva desvalorização do dinheiro do trabalhador (inflação), aliado às frustrações sofridas com os retrocessos da abertura política, foram aos poucos gerando grande insatisfação entre os trabalhadores da cidade. Mobilizações de bairros pobres e periféricos exigiam maior urbanização, coleta de lixo, etc. Nesse contexto nasciam algumas oposições sindicais que politizavam a vida do trabalhador, exigindo dos seus sindicatos a discussão coletiva e unificada na base.

Os trabalhadores se organizavam em Associações, como por exemplo, a chapa única para a Associação dos Funcionários Públicos, que segundo o jornal “O Grito da Terra”<sup>3</sup> constava de 3 militantes do PT (Partido dos Trabalhadores) e três do PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) (FEIRA HOJE, 1983: 02)<sup>4</sup>. Os trabalhadores disputavam os sindicatos, fundavam delegacias sindicais vinculadas aos sindicatos de Salvador, faziam cartas, se pronunciavam na imprensa, e, sobretudo, se mobilizavam internamente na defesa dos seus direitos, mesmo à revelia do sindicato, como ficou patente em manifestação dos motoristas de ônibus dentro da garagem de uma empresa da cidade, em 1984. Os motoristas, não tendo seus direitos reconhecidos pelos patrões e se sentindo traídos pelo sindicato, resolveram falar em seu próprio nome, sem intermediação e pintaram um cartaz que dizia: “Queremos ser tratados como seres humanos”, e assinavam, “a classe”<sup>5</sup>. Tal postura fora tomada depois de os motoristas e cobradores irem para a mesa de negociação sem a sua representação sindical. O mesmo aconteceu com os professores das escolas particulares, que ao desencadear uma greve estadual, em Feira de Santana, nada fora feito para a organização da greve dos professores de estabelecimentos particulares e o sindicato patronal ficou encarregado da decisão a respeito do aumento dos professores, como relatou o jornal “Feira Hoje”<sup>6</sup>.

---

<sup>3</sup> Jornal fundado pelos movimentos sociais da cidade de Feira de Santana, organizados numa entidade chamada de ADEFS (associação das entidades de Feira de Santana). O jornal funcionou de 1981 até, especula-se, 1986.

<sup>4</sup> Feira Hoje. n 2658. 21 de janeiro de 1983. p. 02.

<sup>5</sup> Feira Hoje. 08 de abril de 1984. p. 03.

<sup>6</sup> Feira Hoje. 04 de maio de 1984. p. 03. n 3044.

Os conflitos entre patrões e trabalhadores se acirraram. Insatisfeitos com suas lideranças e representações oficiais, os trabalhadores e as lideranças estavam envolvidos em um impasse: ou os sindicatos avançavam, ou a contradição da sua postura defensiva provocaria a rejeição dos trabalhadores para com essas lideranças, como aconteceu com os sindicatos dos rodoviários e dos professores particulares, anteriormente citados, que tiveram vitórias das oposições sindicais nas eleições seguintes.

O ano de 1985 começava com uma vaga grevista na cidade, inclusive de unidades fabris do CIS. Nesse ano, ocorreram nove grandes greves de funcionários de setores estratégicos na economia feirense. No setor metalúrgico a indústria Jossan paralisou quase 100 por cento dos seus funcionários, além da Metalomecânica e da Aluminium. A greve da Metalomecânica chegou a durar mais de 30 dias, com confrontos jurídicos, com a polícia e com a sociedade política feirense. Reivindicavam aumentos salariais, diminuição da jornada de trabalho, e em alguns dos casos a readmissão de companheiros demitidos<sup>7</sup>.

No funcionalismo público, pararam os professores da rede estadual de ensino, os professores da Universidade Estadual de Feira de Santana e os servidores da EMATERBA, duas vezes no ano de 1985. Esta greve, levada por setores cutistas, incluía dentro da pauta corporativa, elementos especificamente políticos, como tentativas de impor leis a respeito da regulamentação fundiária, a respeito da reforma agrária, “sob o controle dos trabalhadores, e sem indenizações”<sup>8</sup>, resoluções sobre as eleições diretas e Assembléia Constituinte.

Sem falar dos motoristas de ônibus municipais e intermunicipais com sede em Feira de Santana, que faziam sua primeira greve na cidade, mesmo à revelia do sindicato.

Durante o ano de 1985, apareceram ocasiões em que foi possível experimentar, entre as organizações dos trabalhadores da cidade, momentos de encontros que proporcionaram o início, nesse período, de uma solidariedade entre categorias e o encontro com alguns partidos fora do eixo tradicional PDS-PMDB. O Partido dos Trabalhadores publicou uma nota em apoio à luta dos trabalhadores da EMATERBA e

---

<sup>7</sup> Feira Hoje. 08, 10 e 12 de maio de 1985, pp. 03, 02 e 02 respectivamente.

<sup>8</sup> Resoluções do 1º Congresso da Associação dos Técnicos Agrícolas. 01 a 03 de Novembro de 1985. Centro Diocesano de Feira de Santana, p. 11, 17, 37 e 38.

Jossan em greve que dizia: “somente através da pressão organizada será possível conquistar seus direitos e avançar no sentido de garantir que os direitos sejam respeitados”<sup>9</sup>.

Na seqüência dos acontecimentos, entidades de classe se uniram para apoiar os trabalhadores em greve. Dentre elas constavam vários petistas e o próprio PT, além de militantes do jornal Tribuna da Luta Operária (PC do B) e outros sindicatos e associações populares<sup>10</sup>. Esta inovação já era um fruto colhido da mobilização dos trabalhadores na greve da Metalomecânica, das mobilizações que, tardiamente é verdade, formaram uma comissão para organizar um fundo de greve, composta por Messias Gonzaga do PC do B, Antônio Ozetti, presidente do PT e trabalhadores, que recebeu novas adesões de outras entidades de classe no levantamento de apoio político e financeiro para a greve<sup>11</sup>. Na oportunidade, aqueles que colaboravam com a greve recebiam um bônus que trazia um recado acompanhado de uma charge, e se chamava “bônus da solidariedade”: “Colaborei com Cr\$ 1.000.00 para o fundo de greve dos operários da Metalomecânica, motoristas, cobradores e despachantes de ônibus”. Logo abaixo uma charge representava a disputa entre capital e trabalho: um homem vestido de terno e gravata, com óculos e cabelo bem penteado, disputava uma nota de dinheiro com um homem vestido de macacão e camisa listrada, capacete de proteção, cabelos crespos e traços negros<sup>12</sup>, cada qual segurando a cédula de um lado e dizendo: “Larga o meu salário!”, e o outro de pronto respondia, “Larga o meu lucro!”. Ao lado confirmava: “Por isso que se diz que os interesses do patrão nunca serão os mesmo interesses do operário”. O recado era direcionado para os sindicalistas que preservavam a negociação como um espaço da resolução final, “para ficar bem para os dois lados” e que fugiam do recurso das greves ou das mobilizações outras para resolver questões corporativas.

Representações de oposição entre capital e trabalho, patrões e empregados, chefes e subordinados cada vez mais ganhavam espaço nos boletins sindicais, nas formulações dos moradores dos bairros pobres, mesmo que suas práticas não representassem tanta

---

<sup>9</sup> Feira Hoje, 05 de abril de 1985. p. 02.

<sup>10</sup> Feira Hoje, 14 de maio de 1985, p. 07. n. 3372.

<sup>11</sup> Feira Hoje. 10 de maio de 1985. p. 02. n. 3368.

<sup>12</sup> Há de se destacar a preponderância numérica de trabalhadores negros em Feira de Santana.

oposição como queriam fazer parecer.

Representações de antagonismo entre tipos de sindicalistas também ganhavam cada vez mais os boletins do movimento sindical, principalmente das oposições sindicais. Uma cartilha, que visava preparar os trabalhadores para a greve geral de 1987, trazia um quadro de desenhos que tentava representar o que seria um pelego e o que seria um sindicato de luta. O pelego era apoiado pelo governo e pelos patrões (mostra um desenho do pelego com dinheiro na mão e na outra com fantoches representando os trabalhadores), compravam votos, anistiavam as dívidas dos trabalhadores para estes votarem, telefonavam para as lojas, intimidando os trabalhadores a irem votar na chapa deles, e distribuíam a carteira de sócios (outro desenho retrata o pelego no telefone e um balãozinho de pensamento na cabeça do pelego com um patrão feliz), dividiam o movimento operário, fazendo intrigas com o nome das pessoas, usando, de forma paga, pessoas para fazer campanhas e difamavam trabalhadores de outra categoria (em outra ocasião mostra o pelego botando o dedo na cara de outro trabalhador). E ameaçava sempre com repressão. Pelo outro lado no sindicato de luta, todos contribuem e divulgam as contas, integra homens e mulheres na luta sindical, agrega apoio de outras categorias e tem “coragem e garra para lutar pelos direitos” dos trabalhadores<sup>13</sup>.

Em 1985, pela primeira vez desde o fim da década de 1970, a prefeitura não colocaria a data da micareta<sup>14</sup> no mesmo dia que o dia do trabalho (1º de maio).

Este crescimento apontado na sessão acima, não foi uma mudança dada, natural ou espontânea. Percebemos ao longo da leitura da documentação a realização de um pequeno trabalho, contínuo, muitas vezes silencioso, outrora intenso e barulhento de alguns sindicatos e sindicalistas da cidade, que interferiram em momentos pontuais das lutas de classes em Feira de Santana.

A EMATER-BA, já citada, foi uma autarquia estadual que tratava de questões relativas ao desenvolvimento agrário do Estado. Portanto, dentro desta instituição estatal, encontravam alguns sindicatos de diversas categorias, dos engenheiros agrônomos, dos Funcionários Públicos Estaduais, mas, para efeito da nossa discussão,

---

<sup>13</sup> Boletim Comerciais em Luta. n 02. Julho de 1987. Feira de Santana.

<sup>14</sup> Festa popular organizada em Feira de Santana, é comumente chamada de carnaval fora de época. Dizem as pessoas que começou devido a uma grande tempestade que inviabilizou a ida das pessoas de Feira de Santana para Salvador para pular o carnaval, provocando a vontade de se fazer uma festa na própria cidade.

importa-nos a ASTA (Associação dos Técnicos Agrícolas), que foi uma das principais forças de formação de lideranças sindicais em Feira de Santana e, em algum nível, na Bahia.

Em 1982 esta associação recebeu o apoio do jornal “O Grito da Terra”, em uma nota de alerta para a população em geral e para os trabalhadores organizados, divulgando a perseguição sofrida pelos dirigentes sindicais, imposta pelo Governo do Estado, principalmente, sobre os lutadores vinculados à ASTA. Várias entidades assinaram a nota, com destaque para os residentes médicos e da área de saúde em geral, que iriam fazer várias paralisações e depois entrar em greve em Feira de Santana <sup>15</sup>. Esta nota revelava que a atividade dos trabalhadores militantes da ASTA já alcançava projeção ao ponto de incomodar seriamente o governo do Estado, e mais, recebia a solidariedade de algumas categorias, provavelmente em pleno processo de organização e reivindicação nas suas atividades, que sentiam naquela perseguição ameaças aos seus próprios interesses organizativos e dos trabalhadores em geral.

Os técnicos agrícolas tinham uma característica extremamente importante: era o setor encarregado de entrar em contato e prestar a assessoria técnica necessária, às vezes até mesmo a educação, para os pequenos agricultores de municípios de características mais rurais. Por conta da profissão, estavam diretamente vinculados à vida dos trabalhadores. Sabiam reconhecer seus interesses econômicos, suas necessidades de créditos, suas dificuldades em atender as demandas tecno-burocráticas dos governos do Estado, viviam lado a lado em alguns momentos das organizações locais dos trabalhadores.

Ao lado da ASTA, germinava a associação dos funcionários públicos municipais de Feira de Santana. Por iniciativa de alguns militantes de partidos políticos, principalmente do PT, PMDB, alguns ainda clandestinos do PC do B e PCB, começavam algumas reuniões para fundar a chapa que dirigiria a Associação.

Era claro para a militância, sobretudo petista, que aquele passo tinha como horizonte ampliar o raio de um discurso sindical: o do “novo sindicalismo”. Por isso, colocavam tarefas para si mesmos de formuladores e proponentes de vínculos de solidariedade com outras entidades e categorias em mobilização.

---

<sup>15</sup> Grito da Terra. Julho de 1982. n. 05. S/p.



“(…) contribuir na organização das demais classes trabalhadoras, fortalecendo e ajudando a construção e consolidação dos sindicatos, associações de classe, de bairro, etc.” (...) “Buscaremos a unificação dos trabalhadores de Feira de Santana, ajudando na construção da inter-sindical, colaborando assim para a construção da CUT – Central Única dos Trabalhadores, que acontecerá agora em agosto e que nós de Feira de Santana, deveremos abrir a discussão com todos os trabalhadores, a respeito da importância que é a construção de nossa entidade máxima”<sup>16</sup>.

Os anos de 1985, 1986 e 1987, ocorreu um grande salto quantitativo e qualitativo na luta dos trabalhadores em Feira de Santana. Motivos não faltavam. Além do aprendizado das novas experiências de defesa dos seus direitos econômicos, esse período foi de intensas manifestações políticas: a campanha pelas “Diretas já”, as eleições constituintes e os debates em torno da formação do colégio eleitoral para eleger o Presidente da República. Mas o que causou grande alvoroço e colocou durante uns três ou quatro anos consecutivos os trabalhadores brasileiros em alerta geral foram os planos econômicos da Nova República: Plano Cruzado, Bresser, Sarney e Verão.

A Nova República tentava dar respostas burguesas à recessão profunda em que o Brasil entrou desde a crise do "milagre econômico". Na verdade, tentava-se dar uma resposta a uma crise estrutural na reprodução do capital em escala internacional. Para os países pobres foi um período de excessivo controle fiscal. O FMI (Fundo Monetário Internacional) e o Banco Mundial se encarregavam de fiscalizar o cumprimento destas tentativas de metas superavitárias em nome dos países ricos “com carteiras carregadas de títulos das dívidas externas dos países periféricos” (FILGUEIRAS, 2003: 69-92). Porém, deixavam países como os Estados Unidos aumentar de forma exorbitante seus juros, descapitalizar países através do corte de investimentos creditícios e obrigar estes países a exportar capitais através dos serviços de dívidas exorbitantes. Isto obrigava, aliás, era recomendação do FMI às nações mais pobres, desacelerar sua economia e provocar recessões.

---

<sup>16</sup> Janeiro de 1983. Grito da Terra, n. 13. Pg. 05. Essa chapa terminou, por sua vez, tendo dificuldades na sua continuidade, pois a supremacia do discurso do novo-sindicalismo iria, certamente, esbarrar na concepção sindical dos militantes do PCB e PC do B, que aderiam àquela época não à CUT.

Os trabalhadores organizados cada vez mais se colocavam como sujeitos de uma alternativa não burguesa à crise. A crise de hegemonia deste período deixava de fato um relativo espaço político, que os trabalhadores souberam manobrar e ampliar sua participação. Conseguiram, através de aparelhos privados de hegemonia, claro que com projetos múltiplos entre si (CUT, CGT [Central Geral dos Trabalhadores], PT, PC do B, PCB [Partido Comunista do Brasil] se constituir como uma voz ativa do processo.

Os partidos da Burguesia e o governo sentiam que era necessário não levar o jogo da abertura até o fim. Estavam desconfiados dos impulsos de liberdade que emanavam da base dos trabalhadores, nos movimentos sociais, nos sindicatos, escolas, universidades, partidos políticos e recuava em busca de uma democratização “pelo alto”, que contou com apoio inclusive de partidos de esquerda e centrais sindicais. Assim recuaram na tática, que ganhou as ruas em comícios gigantescos, de “Diretas já”. O colégio eleitoral conseguiu unificar as oposições burguesas liberais que, desconfio, não sairiam unificadas em eleições diretas. Melhor ainda, a fabricação desse consenso conseguiu imprimir no candidato escolhido, Tancredo Neves, todas as glórias antecipadas de um “salvador da pátria”, comovendo a opinião dos grupos sociais subalternizados organizados e desorganizados.

Marx diria que se a história não tivesse suas surpresas e causalidades ela ganharia ares místicos em demasia. Os acasos da vida/história fizeram com que Tancredo Neves falecesse logo após a sua vitória eleitoral. Ficou a cargo de José Sarney tocar adiante a sonhada Nova República e a “redemocratização” brasileira.

A montagem de diversos planos econômicos na Nova República tentavam reorganizar o consenso da direção política no País, contudo a CUT deliberou por não apoiar e “desmascarar” as soluções “burguesas”, “eleitoralistas” e “emergenciais” que estavam sendo propostas para a realização do pacto de classes. Quando os efeitos colaterais do pacto se fizeram sentir, a CUT já tinha um acúmulo de discussão e resoluções que culminou no encaminhamento da greve geral de 1986.

A greve geral de 1986 retoma o momento de afluxo organizativo em que os trabalhadores de Feira de Santana estavam engajados. A greve geral em Feira de Santana tomou proporções que mereceu nota no jornal da direção nacional e estadual da CUT<sup>17</sup>. O centro da cidade ficou completamente ocupado pelos grevistas, que foram

---

<sup>17</sup> CUT E CGT. Jornal da Greve Geral. 13 de dezembro de 1986. Salvador, pp. 06.

fechando todos os estabelecimentos da cidade, um por um, que permaneciam abertos. Bancos, Correios, lojas comerciais, até mesmo a prefeitura foi fechada aos gritos de “fecha, fecha, fecha”, com o prefeito à porta pedindo calma à multidão. Foram três dias intensos de greve na cidade. Houve prisões de sindicalistas, tiroteio, bate-boca, carros de som, megafones, cartazes, faixas e muitos instrumentos musicais<sup>18</sup>.

Durante a leitura da documentação podemos perceber que o comando da greve geral em Feira de Santana ficou mesmo a cargo dos militantes petistas. A posição indefinida dos militantes da CGT (PC do B) devido ao seu apoio à Nova República, os sumiços das reuniões e falta de apoio logístico e material por parte do sindicato dos taxistas, comerciários e bancários ficaram registrados nas queixas que os militantes cutistas, sobretudo petistas, faziam destes<sup>19</sup>. A CUT ganhou espaço.

Em 1987 os militantes cutistas não mais se limitavam a prestar solidariedade por cartas e manifestos, mas estavam diretamente envolvidos na organização da luta dos trabalhadores de diversas categorias, como demonstrava uma nota do jornal “Feira Hoje”, que discorria a respeito da greve realizada na Coelba.(Companhia Elétrica da Bahia) Segundo o jornal, a assembléia contou com a participação de petistas, como Gerinaldo, do sindicato dos engenheiros civis, Elízio Santa Cruz e Jorge Oliver da CUT-Bahia e pró-CUT feirense<sup>20</sup>.

De 1987 até o ano de 1991 as oposições sindicais, compostas por cutistas, não deram trégua às direções dos principais sindicatos de Feira de Santana e disputaram em todas as categorias (Bancários, Comerciários, Condutores Autônomos e outras) com eles. Chegaram a assustar e em alguns casos a ganhar as eleições sindicais, se não fossem os mecanismos legais largamente utilizados a favor dos "pelegos" com bons vínculos com as delegacias regionais do trabalho e fraudes eleitorais das mais diversas.

A CUT tinha o papel de organizar e dar um caráter mais unificado à luta dos trabalhadores de Feira de Santana e aproveitava-se de momentos nos quais diversas categorias encontravam-se em greve. Em 1988, uma manifestação que unificou todos os trabalhadores em greve na cidade foi promovida pela CUT. Previdenciários, fazendários, professores particulares, eletricitários, eram as categorias que estavam em

---

<sup>18</sup> Folha do Norte. 13 de dezembro de 1986, pp. 01.

<sup>19</sup> Idem.

<sup>20</sup> Feira Hoje. 18 de fevereiro de 1987. Pg. 04.

greves naquela época. Esta marcha saiu da Praça da Matriz e caminhou por parte do centro, até chegar, com cerca de 2 mil funcionários e trabalhadores, em frente à prefeitura. Estavam em greve, segundo o jornal “Feira Hoje”, o equivalente a 10 por cento das categorias na manifestação <sup>21</sup>.

E em 1989, após participação bem sucedida em mais uma greve geral e tendo adquirido um nível de experiência e vínculos maiores com os trabalhadores da cidade, a pró-CUT já conseguia realizar atividades coletivas, não apenas de caráter emergencial nas lutas de algumas categorias, mas de campanhas de média duração na cidade, propor atividades a exemplo da do dia 16 de fevereiro de 1989, quando foi lançado o dia nacional de lutas contra o plano econômico do governo Sarney. Em Feira de Santana os sindicalistas se reuniram na rua Sales Barbosa para realizar as atividades. O que começou só com sindicalistas, segundo consta o jornal, virou um ato onde mais ou menos 800 trabalhadores se reuniram para ouvir as suas falas. Por lá discursaram trabalhadores da Locarpe, da Phebo, contras as demissões que ocorriam nas suas fábricas, lá passaram e falaram, ainda, camelôs e donas de casa. Segundo o jornal, participaram do ato os seguintes sindicatos: sindicato do gráficos, sindicato dos técnicos agrícolas, sindicato dos trabalhadores da construção civil, sindicato dos professores particulares, sindicato dos engenheiros, oposição sindical dos “comerciários em luta” e frente nacional dos trabalhadores, todos cutistas e vinculados, de alguma maneira, ao Partido dos Trabalhadores <sup>22</sup>.

Campanha de maior duração foi a luta dos trabalhadores rurais contra as desapropriações dos trabalhadores ribeirinhos que se iniciou em 1982 para a construção da Barragem Pedra do Cavalo. O saldo final desta luta, que contou com a participação primaz CUT e também da FETAG (Federação dos Trabalhadores sa Agricultura) foi a construção em Feira de Santana com uma organização intitulada como Pólo Sindical, um ajuntamento de sindicatos de trabalhadores rurais de várias cidades da região da Bacia do Paraguaçu. Sua sede ficou em Feira de Santana (SANTOS, 2008).

O crescimento da influência da Pró-CUT na vida organizativa dos trabalhadores de Feira de Santana veio a ser interrompido a partir do primeiro ano do governo Collor. Em 1990 ainda resistiam alguns setores dos trabalhadores públicos, fazendo greves e

---

<sup>21</sup> Feira Hoje. 22 de outubro de 1988. s/p.

<sup>22</sup> Feira Hoje. 17 de fevereiro de 1989. Pg.03.

paralisações, como foi o caso da EMATER-BA, que realizou uma greve com ocupação do prédio em 1990, os professores e algumas outras categorias. Os anos FHC seriam definitivos para o refluxo da luta dos trabalhadores da cidade, juntamente, dessa vez, seguindo o rumo da luta dos trabalhadores de todo o país.

#### Bibliografia:

- CRUZ, Rossine C. *A inserção de Feira de Santana (BA) nos processos de integração produtiva de desconcentração econômica nacional*. Tese de doutorado. Unicamp. Campinas, 1999.
- BADARÓ, Marcelo. *Velhos e Novos Sindicalismos no Rio de Janeiro (1955-1988)*. Rio de Janeiro - RJ: Vício de Leitura, 1998.
- BATALHA, C. TEIXEIRA, F. FORTES, A. *Culturas de Classe*. Campinas - SP: Editora Unicamp: 2004.
- FILGUEIRAS, Luís. *História do Plano Real*. Boitempo, São Paulo: 2003.
- NADER, Ana Beatriz. *Autênticos do MDB. Semeadores da Democracia*. São Paulo - SP: Paz e Terra, 1998.
- SANTOS, Igor G. *Na Contramão do sentido: Origens e Trajetórias do PT de Feira de Santana (BA), 1979-2000*. Mestrado. Pós Graduação de História UFF. Niterói-RJ. 2007.
- \_\_\_\_\_. *Estado, experiência e luta dos trabalhadores rurais na década de 1980 na Bahia*. Texto sem publicação. 2008.